



Brasília Híbrida: Identidades plurais e partidas A abordagem da identidade cultural brasiliense no Correio Braziliense em 2010¹

Denise Santos de OLIVEIRA²
Elen Cristina GERALDES³
Universidade de Brasília, Brasília, DF

RESUMO

O presente artigo consiste em analisar a abordagem da identidade cultural brasiliense nas páginas do jornal Correio Braziliense no ano de 2010, tendo em vista que este foi um período significativo para a cidade, que comemorou 50 anos de existência. As principais perguntas são: Como a questão foi abordada nesse veículo? E o que o jornal mostra sobre ser brasiliense? A metodologia consistiu na análise de conteúdo das 195 páginas que continham as palavras-chaves – brasiliense, identidade, cultura brasiliense. O jornal vai aos poucos fazendo emergir um cidadão de identidades múltiplas envolvido em um contexto de contradições da cidade planejada.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; identidade cultural; brasiliense; Correio Braziliense.

1. INTRODUÇÃO

1.1 Brasília: exclusão e contradições.

Este trabalho propõe a análise da abordagem da identidade cultural brasiliense no principal veículo impresso local, o jornal Correio Braziliense, em 2010, quando se comemorou os cinquenta anos de Brasília. Como o jornal enxerga e mostra o brasiliense? Esta é a questão norteadora da pesquisa.

Questiona-se que o povo brasiliense ainda não possui uma identidade cultural pelo fato de Brasília, que completará 52 anos, ser relativamente jovem em relação a outras capitais do Brasil, por ela apresentar uma pluralidade de culturas, e ser composta por uma população de migrantes, que vieram carregando o peso de suas tradições e culturas regionais e as transmitiram a seus descendentes. O artigo parte da hipótese de que, apesar dessas contradições e negações de uma identidade local, existe uma identidade brasiliense que está sendo construída, e que essa construção se apresenta de alguma forma veiculada pela imprensa. (ARRUDA, 2008).

¹ Trabalho apresentado no IJ 7 – Comunicação, Espaço, Cidadania do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012. ² Graduanda em Comunicação Organizacional da Universidade de Brasília (UnB). ³ Orientadora, Doutora em Sociologia (UnB, 2000), Mestre em Comunicação (USP, 1995), professora do curso de Comunicação Organizacional da UnB.



Brasília foi uma tentativa de se implantar a modernidade no país e romper com a miséria e exclusão. Mas a cidade ressaltou a desigualdade social e a exclusão no país desde sua concepção. Os candangos vieram para construir a cidade, no “ritmo de Brasília”, sem direitos trabalhistas, condições dignas de alimentação, transporte e moradia, os funcionários das instituições políticas da cidade vieram, com o salário dobrado, formar a elite brasiliense. “Os operários foram para alojamentos dos canteiros de obras e barracos em favelas localizadas em pontos isolados.” (PAVIANI, 2010, p. 235).

“Em fins de 1956, inicia-se o recrutamento de trabalhadores para os canteiros de obras e funcionários para a administração local e federal. O estímulo para os funcionários públicos aceitarem a transferência para a cidade em construção foi a “dobradinha”- salário em dobro. Há relatos de pioneiros a respeito do estímulo para o trabalho duro nos canteiros de obras, cujo ritmo frenético foi chamado “ritmo de Brasília”. (PAVIANI, 2010, p. 234-235).

Brasília é uma cidade permeada de contradições e marcada por um jogo de interesses políticos e econômicos desde sua idealização, ainda no século XIX, quando surgiu o discurso da “interiorização da capital”, defendido por José Bonifácio em 1823. (FERREIRA, 2010). Mais tarde, a proposta de interiorização torna-se oficial na Assembléia Constituinte, é sucedida por visitas ao Planalto Central buscando analisar locais para a edificação da nova capital. Há registros da viagem do historiador Adolfo de Varnhagen, feita em 1850, que sugeriu a cidade de Formosa como lugar ideal devido às riquezas naturais existentes e as condições de altitude. (FERREIRA, 2010).

Em 1941 é criada a Comissão Exploradora do Planalto Central, Missão Cruls, que recebe o nome do líder da expedição, o astrônomo Louis Cruls. A idealização de Brasília começa a ser gerada com grandes anseios e expectativas da comunidade local. Anos depois da delimitação do quadrilátero Cruls, é erguida a pedra fundamental em comemoração aos cem anos da independência do país, onde atualmente encontra-se Planaltina. (FERREIRA, 2010).

Para iniciar a materialização da capital, JK lança o Concurso Nacional do Plano da Nova Capital do Brasil, que tem como vencedor Lúcio Costa com sua planta de Eixos Cruzados, pensada para abrigar a estrutura política e jurídica do país. “A construção das satélites estava prevista apenas para quando o Plano Piloto contasse com a população de quinhentos mil habitantes.” (MEDEIROS; CAMPOS, 2010, p. 139).

Começada a construção, Brasília recebe os pioneiros oriundos de todas as regiões do Brasil, que vem em busca de melhores condições de vida e trabalho, além



dos funcionários públicos transferidos do Rio de Janeiro. A edificação da capital era a concretização do lema do governo, que afirmava que o Brasil deveria avançar 50 anos em apenas cinco.

Segundo os dados do IBGE, no ano da inauguração, a cidade já contava com mais de 137 mil habitantes. No início da década de 90 esse número subiu para 1.598.415. Visto isso, percebe-se que a população de Brasília formou-se por meio da diversidade de pessoas que migravam de seus lugares de origem, que largaram suas tradições culturais para viver em uma cidade planejada. Essas pessoas tiveram que negociar suas identidades regionais com esse espaço inicialmente improvisado e desconhecido. Devido à diversidade que compõe a capital, formando um “jogo de identidades” (HALL, 2006) existentes, falar em uma identidade própria local torna-se um desafio.

No território do Distrito Federal consolidou-se uma política de “seletividade socioespacial” (FERREIRA, 2010). Os operários e migrantes que ocupavam o centro, excluídos economicamente e socialmente, eram enviados para as cidades satélites, regiões mais distantes do Plano Piloto. As cidades satélites foram chamadas cidades dormitórias, na medida em que concentravam a população periférica, que trabalha na capital. É o que aponta Ignez Ferreira na citação abaixo.

“Podem se apontar, então, na produção do espaço da metrópole, duas forças concomitantes: uma que polariza e a outra que exclui e perifera. Surge assim, de um lado, o centro, com funções estabelecidas, e, de outro, a periferia desestruturada e fragmentada territorialmente, abrigando a população e as atividades excluídas do centro.” (FERREIRA, 2010, p. 50).

1.2 O Correio Braziliense

O Correio Braziliense foi lançado na capital por Assis Chateaubriand em 1960, mas originalmente fundado em 1808 por Hipólito José da Costa em Londres. A partir de seu lançamento, o povo de Brasília e as complexidades advindas do crescimento populacional da cidade têm sido mostrados nele. O jornal que nasceu e cresceu com a cidade, herdou o nome do velho jornal mensal de Hipólito José da Costa. Feito em Londres, o *Correio Braziliense* era contrabandeado para o Brasil por meio de navios ingleses em razão da censura da corte portuguesa aos meios impressos produzidos na colônia.



Naquela época, Hipólito já pregava no jornal o ideal da interiorização da capital. Com uma vida curta, em 1822, ano da independência do Brasil, o jornal cessou a sua circulação. (MORELLI, 2002). No dia 21 de abril de 1960 é inaugurada a sede do novo Correio Braziliense. O criador foi o jornalista e empresário paraibano Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, dono da cadeia de veículos de comunicação - Diários Associados.

Conforme informações da dissertação de mestrado sobre os 40 anos do Correio Braziliense feita por Ana Morelli, Assis Chateaubriand, mais conhecido por Chatô, adquiria veículos de comunicação para o *Diários Associados* por meio de dívidas e empréstimos, já que ele não possuía grandes recursos financeiros. Os objetivos de Chatô, ao fundar o *Diários Associados*, era interligar o país por meio de veículos de comunicação espalhados pelo território brasileiro, já que, na época, havia a concentração de meios de comunicação na parte sul do Brasil. (MORELLI, 2002).

A iniciativa de criar um jornal na nova capital partiu da aposta feita entre o presidente Juscelino Kubitschek e Assis Chateaubriand. Na aposta, Chateaubriand prometeu implantar um jornal na cidade, caso Brasília fosse concluída no tempo previsto. De janeiro a abril de 1960, a sede do jornal foi concluída. (MORELLI, 2002).

Nos primeiros anos de fundação, o *Correio Braziliense* veiculava informações relacionadas às necessidades da capital e sobre o funcionalismo público. Porém, predominavam notícias relacionadas à política federal, “a cobertura era essencialmente política” (pag 68. 2002), por estar próximo aos acontecimentos políticos do país. Apesar do compromisso informativo, o *Correio* foi visto por mais de três décadas como um jornal governista. O jornal passou por momentos de instabilidade financeira, conseguia se sustentar com publicidade oficial, pois o número de assinantes e venda em bancas era baixo.

Assim sendo, o jornal teve uma gênese que se poderia chamar de “chapa branca”, oficialista, que perdurou ao longo dos anos 60. Muitos ex-jornalistas do Correio confirmaram o alinhamento do jornal com o governo local por muitos anos, os entrevistados oscilaram entre afirmar que naquela época era uma característica dos jornais estarem alinhados com o governo por tratar-se de um período de ditadura, ou que Brasília não tinha vida econômica suficiente para manter um jornal, fato que acabava comprometendo a sua independência e credibilidade, e houve ainda aqueles que não concordaram com a pecha. (MORELLI, 2002. pag. 59)

Além da fama de “chapa-branca”, o jornal também se comprometia em fixar uma imagem positiva da cidade e seus habitantes. (MORELLI, 2002).



2. A pluralidade e o jogo de identidades

Estudar a identidade, tanto local, quanto global, torna-se um desafio cada vez mais árduo, visto que representa a problemática da contemporaneidade, permeada pelo cenário da globalização. Para Stuart Hall, intelectual jamaicano e um dos fundadores dos Estudos Culturais, o conceito de identidade é “demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova.” (HALL, 2006; p.8).

Segundo o mesmo autor, por conta das contradições geradas pela globalização, o sujeito que possui uma identidade unificada está mais fragmentado e composto não de uma, mas de várias identidades. Além disso, Hall propõe a substituição do termo identidade por identificação, algo que está sempre em “andamento” ao invés de um fator permanente, fechado e totalmente homogêneo. (HALL, 2006).

O teórico cultural disserta que a globalização veio reforçar as identidades locais por causa da desfragmentação que ela causa, porém fez com que a identidade nacional enfraquecesse. Portanto, tem se tornado mais difícil unificar um território mais extenso, num mundo que as distâncias físicas não têm mais impossibilitado o “deslocamento” e interação entre pessoas e idéias, em que os sujeitos com seus objetivos comuns não precisam necessariamente estar reunidos num espaço local e tempo determinado. Com o advento das tecnologias da informação, que possibilitaram esse encontro cultural e fortaleceram a “Aldeia Global”, identidade não deve estar presa a um lugar restrito, para Hall “as identidades estão em toda a parte.” (HALL, 2006)

“Em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição entre diferentes posições, que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado.” (2006, p-88).

O antropólogo norte-americano Clifford Geertz, no livro Nova Luz sobre a Antropologia, se refere a esse cenário que o próprio denomina “despedaçamento, esgarçamento generalizado do mundo” (GEERTZ, 2001), como uma época em que o mundo está ficando mais global e dividido, porém “completamente interligado e mais intrincadamente compartimentalizado, ao mesmo tempo.” (2001, p. 216). “Passamos a ter culturas – delimitadas, coerente, coesas e autônomas: organismos sociais, cristais semióticos, micromundos.” (2001, p.218).



A estudiosa dos estudos culturais Kathryn Woodward afirma que a diferença é um fator fundamental na construção da identidade e que dentro das identidades já construídas ao longo do tempo existem muitas contradições, e omissão de alguns aspectos. Diferença no sentido que só nos sentimos parte “disso” quando fica claro que não pertencemos “aquilo”, ao que é do outro. Ela cita o exemplo de obscurecimento das diferenças de gênero e classe social na identidade nacional. A identidade vai situar as pessoas com características ou objetivos comuns através da identificação, mas o risco é que a representação simbólica da identidade gere estigmatização: “A mídia nos diz como devemos ocupar uma posição-de-sujeito particular.” (WOODWARD, 2000, p.17)

Para Tomaz Tadeu da Silva, na perspectiva da diversidade, já que não se trata de uma identidade, mas de várias, “a diferença e a identidade tendem a ser naturalizadas”. (SILVA, 2000 p.73). Clifford Geertz complementa com a concepção de que “unidade e identidade terão que ser negociadas através da diferença.” (GEERTZ, 2001, p.198). Além disso, definir identidades híbridas envolve a possibilidade da Tradução, conceito usado por Hall.

“Pois há uma outra possibilidade: a de Tradução. Este conceito descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, composta por pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal.” “Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades.” (HALL, pag. 88).

A citação acima está ligada com o processo cultural de Brasília, na medida em que a cidade se formou inicialmente pelos movimentos de migração. A cidade, que num período de instabilidade econômica e financeira do país e de crescimento populacional, vista pelos brasileiros como Eldorado e capital da esperança, atraiu pessoas de diversos cantos do país, especialmente nordestinos, goianos e mineiros que buscaram permanecer com as tradições do lugar que habitavam anteriormente.

3. Orgulho de ser brasiliense

Por meio da busca por palavras-chaves no site do *Correio Braziliense*, foi possível encontrar 195 páginas do jornal veiculadas durante 2010. Os termos escolhidos para fazer a busca e colher as páginas relacionadas foram: cultura, brasiliense e



identidade. A análise de conteúdo foi o método que sucedeu a busca e leitura do material.

Foi feita uma busca de termos completos, ao invés da busca pelas palavras cultura e identidade separadamente, fiz a captação das páginas associando o adjetivo brasileiro à palavra. Entre os motivos das escolhas, estão o fato de pesquisar o que o jornal afirma como cultura brasileiro, brasileiro e identidade brasileiro. O objetivo era investigar como esses termos foram enquadrados e mostrados ao público do jornal, quem é o brasileiro segundo o *Correio Brasileiro*, como esta identidade e cultura estão sendo formadas.

Em 2010, o *Correio Brasileiro* lançou séries especiais em homenagem ao cinquentenário de Brasília. Foram selecionadas dezenove páginas da série *Brasília- 50 anos*, que destacou os monumentos, artistas e outros elementos que fazem parte da cidade e compuseram a trajetória de vida de Brasília e seus habitantes. As páginas vão aos poucos revelando que esses elementos escolhidos para homenagear o aniversário da cidade são o orgulho do brasileiro. Os elementos ressaltados na série *Brasília – 50 anos*, podem ser classificados em:

1) As belezas naturais da cidade: como o céu de Brasília, que aparece em matérias com o enfoque de que o céu da cidade é único e peculiar. Foram encontradas as expressões “céu azul da cidade imaginada” e “um azul único” na reportagem para caracterizar o céu da cidade. As árvores do cerrado, a arborização da cidade, as cachoeiras existentes e riquezas naturais no quadrilátero do Distrito Federal também estão enquadradas como motivos para o brasileiro se orgulhar da cidade.

2) belezas construídas - os monumentos e patrimônios: O Lago Paranoá, segundo o jornal, é um lugar que marcou a vida dos brasileiros. Uma reportagem fala sobre as histórias vividas, em torno da paisagem, desde a época da construção da cidade. O Parque Nacional de Brasília, mais conhecido como Água Mineral propõe uma opção de diversão democrática na cidade e envolve brasileiros de todas as classes sociais.

Obras do artista Athos Bulcão, presentes em vários cantos de Brasília, marcam o cotidiano dos cidadãos. A Universidade de Brasília e o ideal de Darcy Ribeiro, que na reportagem representa a utopia da educação-modelo e conscientização política da juventude brasileiro. E a torre de TV e a vista panorâmica da cidade. Esses são motivos representados de forma mais concreta e real aos brasileiros, que os demais.



3) belezas brasilienses – (o cidadão e a cena cultural e artística): O Eixão do Lazer é tratado como uma conquista do brasiliense. Em torno deste, está o argumento de que o brasiliense é um esportista, maratonista, que adquiriu boas práticas esportivas na cidade. Outra página intitula o brasiliense como cidadão do bem. O título parte para a abordagem de que o jovem brasiliense é um cidadão engajado em ações sociais e no trabalho voluntário. Afirma ainda que o espírito engajado do brasiliense emerge do desejo de construir uma identidade e vida melhores.

O brasiliense ainda é aquele adaptado ao clima particular e mutante da cidade, e valoriza a natureza local, é o que mostra outra matéria sobre o modo de ser brasiliense. O *Correio* aborda que Brasília possui tesouros do conhecimento, e afirma que pesquisadores e estudiosos brasilienses superam os que vivem em outros estados.

A cena musical tratada como brasiliense é ressaltada em muitas outras matérias. O jornal se posiciona de forma a mostrar a música brasiliense, a produção da cidade, que é afirmada como uma mistura, uma rica diversidade de estilos e gêneros. O *Correio* já fala em música popular brasiliense, punk brasiliense e recorre a referência de Brasília como cidade do rock.

Outros enfoques estão numa matéria que diz que o brasiliense deve se orgulhar do ar de cidade pacata, em que é fácil localizar o brasiliense frequentando locais abertos como praças e lanchonetes no fim da tarde. Outro traço, segundo o *Correio*, é a receptividade. Na matéria *O Mundo todo aqui* (FALCÃO, T. *Correio Braziliense*, Brasília, p. 25. 21 abr. 2010.) fala-se na diversidade cultural da cidade e do jeito receptivo e agradável em tratar turistas e pessoas que vem de outros lugares.

3.3 Mosaico de diversidades

A editoria *Diversão & Arte* do *Correio Braziliense* apresenta 53 páginas selecionadas na busca por palavras-chave. Essas páginas se resumem a abordagem de uma rica diversidade cultural existente no Distrito Federal desde o princípio. A cultura e identidade brasiliense estão presentes na produção artística e cultural da cidade, mas também estão nos hábitos e no cotidiano do brasiliense. As diferentes matérias falam da consolidação de uma produção artística brasiliense a partir da mistura de influências musicais, artísticas, teatrais e literárias, diversidade de ritmos, estilos e gêneros. De acordo com o jornal, os brasilienses vivem, no momento, a terceira geração do rock da cidade, que intitulou a capital e fez ascender uma imagem positiva da produção local no país.



Nas páginas da editoria, o brasiliense está retratado como o tipo de público interessado por cultura e arte, por teatro, música, cinema, e outras manifestações artísticas em geral. O jornal divulga a diversidade na produção local, e a chama de mistura de Brasis e jeito brasiliense de fazer arte. Conforme a análise de conteúdo da editoria, o brasiliense valoriza a cultura local e se indigna com ações governistas que a ignoram ou não prestam apoio a produção artística de Brasília

Entre os grupos, obras e artistas da cena cultural brasiliense citados nas páginas da edição especial do caderno Cidades em virtude da comemoração do aniversário de Brasília, estão: Grupo Pitu, Teatro de Estudante de, Hugo Rodas, Sylvia Orthof, Os Melhores do Mundo, Teatro do Concreto, Circo-teatro Udi Grudi, Mangueira Diniz, O Hierofante, Zé Regino, Cláudio Falcão, Chico Simões, Fernando Vilar, Esquadrão da Vida, Alexandre Ribondi e Núcleo de dança Basirah nas artes cênicas. Renato Matos, Bi Ribeiro, Célia Porto, Indianna Nomma, Renata Jambeiro, Dinho Ouro Preto, Rênio Quintas, Oswaldo Montenegro, Zélia Duncan, Concertos Cabeças, banda Liga Tripa, Cássia Eller, Capital Inicial, Plebe Rude, Aborto Elétrico, Renato Ruso, Paralamas do sucesso, Little Quail & The Mad Birds, Raimundos, Maskavo Roots, Móveis Coloniais de Acaju, Ellen Oléria, Genival Oliveira (GOG), Hamilton de Holanda, Reco do Bandolim, Móveis Coloniais de Acaju, Jaime e Beth Ernest Dias, Oswaldo Montenegro, Concerto Cabeças, Seu Teodoro, e Renato Russo na música. Vladimir Carvalho, Iberê Carvalho, André Luís Oliveira, Manfredo Caldas, José Eduardo Belmonte, Mauro Giuntini, Dácia Ibiapina e Sérgio Moriconi no cinema. Nocolas Behr, Luís Turiba, Ivan Presença, Glênio Biachetti, Marcos Pinheiro e Bené Fonteles, na literatura e nas artes plásticas. São alguns nomes de ativistas da cultura brasiliense, responsáveis por consolidar, ao longo desses cinquenta anos, uma produção artística brasiliense, que possui destaque nacional.

Nas páginas, a capital é mostrada com fascínio, exaltação, como uma cidade que nunca foi tratada com indiferença e crescida sob uma efervescência cultural. O *Correio*, ao mesmo tempo em que mostra essa cidade diversa, multifacetada definida em diferentes expressões, revela uma cidade-enigma que parte do argumento que a cidade de tão diversa chega a ser desconhecida pelos seus habitantes. Um exemplar aponta que o traço mais brasiliense da festa *Criolina* é a mistura.

Foram encontradas expressões como diversidade da música brasiliense, festa da diversidade, mistura de linguagem, gosto musical diversificado, eclético, para designar o perfil do brasiliense quando se trata de gosto por música e outras manifestações



artísticas. O jornal apresenta nas suas páginas a noção de que a confluência de culturas foi um traço fundamental na formação da capital. O brasiliense é mostrado também como uma pessoa que simpatiza muito com a cultura popular.

O artista brasiliense, segundo o *Correio*, tem buscado descentralizar a produção cultural da cidade, produzindo saraus de poesia e artes, oferecendo opções de cultura nas cidades satélites, e mostrando para o brasiliense do Plano Piloto que essas cidades também podem produzir cultura. A reportagem traça o perfil do leitor brasiliense, como uma pessoa que consome mais livros de Direito e Legislação, best-sellers e o que mais compra livros por meio da internet no país.

A outra série especial de comemoração, *Bravos candangos*, buscou representar a cidade por meio da recaptura de histórias das pessoas que fizeram parte da trajetória de Brasília. Histórias como a de Brasília, a menina nascida no dia da inauguração, que recebeu o mesmo nome da cidade. A de Antônia Samir Ribeiro, a primeira brasiliense, filha de um candango. E de Mitri Moufarrede, amigo libanês de JK, primeiro empreendedor da cidade, chamado na reportagem de brasiliense de coração. O termo foi usado em outras matérias e representa o cidadão que não nasceu em Brasília, mas que se considera brasiliense, ou seja, aquele que adotou a cidade como sua.

Nos Cadernos *Eleições e Opinião*, diante da seleção de quarenta e cinco páginas, o brasiliense que surge é o indignado com a política, desconfiado, ressentido com a imagem ruim a que é submetido por conta da política federal e do governo, o eleitor envergonhado com os escândalos de corrupção no governo do Distrito Federal e com a crise política do período em que o governador José Roberto Arruda foi preso e afastado por denúncias de que ele estava envolvido em esquemas de corrupção e fraudes.

Então, o brasiliense é representado como o sujeito insatisfeito com a saúde, a segurança e o transporte público, descrente das promessas do governo, cansado, e desinteressado, sofre um período de desmoralização política. Em algumas edições da editoria *Opinião*, o brasiliense volta a se encantar com a cidade, a exaltar a epopéia da construção, é tomado pela esperança de ver sua cidade melhor e mais humanizada.

3.2 A capital de todos os brasileiros e o cidadão-referência – Definições do modo de vida brasiliense.

Foram coletadas dezesseis páginas do caderno *Cidades* do jornal contendo o termo brasiliense. Já no caderno *Economia no DF*, foram analisados dez exemplares. São matérias diversas que abordam o brasiliense em situações diferentes, envolvidos



tanto no cotidiano, como no contexto social, cultural ou político. Há a predominância do argumento da diversidade cultural do brasiliense, da capital composta de brasileiros de todas as origens, e há também a exaltação a figura da cidade.

Estas são as definições do cidadão brasiliense feitas pelo jornal nessas editoriais em 2010: O brasiliense gosta de flores, é o terceiro maior consumidor de flores do país. Brasília é uma cidade acolhedora e a maioria da população é composta ainda, por migrantes, pessoas de diversas partes do país, especialmente Minas Gerais e região nordeste. Os habitantes que moram a mais de uma década na cidade se consideram brasilienses.

Os brasilienses possuem paixão pela cidade e se orgulham do título recebido por serem os primeiros cidadãos a se atentarem ao uso da faixa de pedestres no país. No panorama educacional, os estudantes brasilienses herdaram o cordel da cultura dos nordestinos e têm que conviver com o alto índice de reprovação dos estudantes do DF. Em outro enfoque, segundo a matéria *Um dribble feio na lei seca* (TRINDADE, Naira. *Correio Braziliense*, Brasília, p. 25. 28 abr. 2010), usa-se o termo *jeitinho brasiliense* que, de acordo com a matéria, é usado pelos motoristas para driblar as fiscalizações de trânsito. Entretanto, esse *jeitinho* não é esclarecido na reportagem.

No campo gastronômico, o jornal enquadra que os brasilienses da Classe C e D estão começando a ter o hábito de tomar vinho, o mel produzido na capital é o melhor do país. Conforme algumas páginas analisadas, o jornal já mostra a existência de uma culinária brasiliense, marcada pela diversidade e mistura de sabores de pratos advindos de todas as regiões do Brasil. A reportagem mostra que o arroz com brócolis, a farofa de ovo, o churrasco e o frango assado nos finais de semana faz parte do brasiliense, além do hábito de frequentar *barzinhos* para encontrar amigos no fim do dia.

O artista brasiliense possui um tom politizado, que está representado na produção artística local, mas que rebate o discurso de que Brasília é a capital dos corruptos e desonestos. Para o *Correio Braziliense*, o brasiliense dá um bom exemplo de civilidade e cidadania. O cidadão da capital é um bom viajante, rotas internacionais compõem a lista do destino dos brasilienses no período de férias, gosta de viajar para o exterior, porém, não deixa as atrações nacionais fora da sua lista de viagens.

O brasiliense possui um elevado nível cultural, e por isso é um consumidor ou tipo de público exigente, seja em relação a culinária ou atrações culturais. Além disso, é o que mais consome artigos de luxo, produtos e serviços sofisticados no país. O brasiliense ainda inclui exercícios físicos na rotina, não tem o costume de dormir fora de



casa, e costuma ir para fora de Brasília quando possui folgas e tempo livre. Há a abordagem da pluralidade da linguagem e dos sotaques que compõem a cidade, perceptível no uso do termo *Babel brasiliense*. Numa página a expressão povo brasiliense surge para designar aquele que tem o privilégio de homenagear a grandeza dos candangos e a beleza dos monumentos. Em outra reportagem, a expressão brasiliense de coração volta a ser usada.

3.4 Identidades polarizadas

As colunas *Crônica da Cidade e Cria da Cidade*, apresentam o cotidiano do brasiliense, seus hábitos, seus pensamentos, sua vida. Consiste na captura de momentos caracterizados como brasilienses, apurados pelo olhar dos escritores Conceição Freitas, Severino Francisco e Sérgio Maggio de forma bastante subjetiva e descritos numa rotina que envolve os fatos que marcam a vida desse habitante. Fatos e elementos, que já foram citados ao longo deste artigo, reaparecem decifrando o cidadão de Brasília.

Na sessão *Cria da Cidade*, escrita por Sérgio Maggio, a primeira crônica disserta sobre a honestidade do cidadão brasiliense, que deseja ver o país livre dos estigmas da corrupção e impunidade. Outra crônica define uma orquestra como tipicamente brasiliense pelo fato dela ser formada por integrantes de todas as regiões do Brasil. Sérgio Maggio explicita que para ser brasiliense não é preciso abrir mão do lugar de origem.

As Crônicas da Conceição Freitas compartilham da percepção feita pelas editoriais do jornal ao longo do ano. Ela contextualiza na Crônica *Um bofetão* que o brasiliense vive num lugar onde as desigualdades sociais são as mais gritantes do país, e que o brasiliense residente do Plano Piloto não conhece o brasiliense das cidades satélites. A autora afirma que Brasília é uma cidade dividida por esse contraste. As identidades são polarizadas através da renda e do local de moradia.

Na crônica *Os cheios de direitos*, o argumento é que o brasiliense do Plano Piloto ou das áreas nobres de Brasília é um indivíduo instruído acerca dos direitos, possui fácil acesso as instituições que abrigam os três poderes, tem pouca tolerância a poluição sonora de cidade grande, se autodeclara esclarecido cidadão de direitos. É importante ressaltar que existe um risco de generalizar e estigmatizar um grande número de pessoas com essa designação.

À medida em que, a autora vai traçando o cotidiano da cidade, surgem novos perfis: o sujeito rigoroso com a urbanização da cidade, que vê a região do Entorno como



um local indesejado e inconveniente, o sujeito altivo que mantém o outro a distância, mas que contraditoriamente acolhe, sem preconceitos, pessoas com diversos sotaques.

“Precisamos de modos de pensar que sejam receptivos às particularidades, às individualidades, às estranhezas, descontinuidades, contrastes e singularidades, receptivos ao que Charles Taylor chamou de “diversidade profunda”, uma pluralidade de maneiras de fazer parte e de ser, e que possam extrair deles – dela – um sentimento de vinculação.”(GEERTZ, 2001, pag 196).

Mesmo nesse panorama definido pela predominância da diversidade, o jornal Correio Braziliense mostra o cidadão brasileiro como um indivíduo que aceita ser fruto da pluralidade da sociedade brasileira, e que apesar dos contrastes a que são expostos sentem-se vinculados à cidade pois compartilham das aflições da cidade, dos problemas, dos impactos do crescimento populacional, da seletividade socioespacial, da indignação política e pelo constante convívio com a diversidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Brasília, a capital da esperança, é um recanto de adversidades, sempre contextualizada pela idéia da contradição e da pluralidade. A cidade foi premeditada, planejada, pensada, diferentemente de outras cidades que surgiram de repente e cresceram de forma anônima. A capital recebeu imigrantes vindos de todas as regiões em busca de oportunidades de trabalho e maneira viáveis de sustentar suas famílias. O local foi um ponto de encontro de culturas regionais. O brasileiro aos poucos se forma como um sujeito misturado, resultado desse encontro cultural.

Ao longo das abordagens, percebe-se dois tipos de brasileiros com identidades polarizadas. Um tipo quase não é mostrado no recorte pesquisado, mas o jornal confirma a existência dele. É o cidadão que mora nas cidades-satélites, trabalha muito por baixos salários, convive com situações problemáticas na cidade, à proporção que enfrentam dificuldades com os precários serviços de transporte público, com o aumento da violência nas cidades e filas nos hospitais públicos do Distrito Federal.

Mas o veículo enfatiza um brasileiro que viaja muito, consome artigos de luxo, conhece e exige os seus direitos, compra livros pela internet, vive a tranquilidade das entrequadradas, que possui um padrão de vida mais alto.

As duas identidades, ambas cercadas pela diversidade, parecem se mesclar, em alguns momentos, formando um cidadão que partilha das mesmas angústias associadas



pela trajetória política da cidade. O brasiliense que dirige, reclama do congestionamento, e o brasiliense que se encontra em um ônibus lotado reclama do transporte público. Ambos, em alguns momentos, indignam-se com a política, com o descaso no espaço público, com a desmoralização política.

É importante deixar claro que essas declarações não devem generalizar determinado grupo de pessoas, pois, esse artigo parte de apenas uma amostra de 195 páginas do maior jornal impresso da cidade, com o objetivo de desvendar a identidade cultural de um cidadão que vive numa cidade tão contraditória como Brasília.

REFERÊNCIAS

Anuário Estatístico do Brasil. 1968. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. http://www.ibge.gov.br/seculoxx/arquivos_pdf/populacao/1968/populacao_m_1968aeb_04.pdf acesso em 20 de abril de 2012.

ARRUDA, Patrícia de. Brasília: **cidade planejada, identidade fluida.** IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura - 28 a 30 de maio de 2008. Faculdade de Comunicação/ UFBa, Salvador-Bahia-Brasil.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura.** 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 2 v.

FERREIRA, Ignez. **Brasília: mitos e contradições na história de Brasília.** p. 23 -53 in PAVIANI, Aldo (Org.). Brasília 50 anos: da capital a metrópole. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2010. 490 p.

GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia;** tradução RIBEIRO, Vera. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, c1989. 213 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LUIZ, Beú. **Os filhos dos candangos: exclusão e identidades.** Pós- graduação Universidade de Brasília. Brasília. 2007.

MIRAGAYA, Júlio. **Dos Bandeirantes a JK: a ocupação do Planalto Central brasileiro anterior à fundação de Brasília.** Pag 55 - 93 in PAVIANI, Aldo (Org.). Brasília 50 anos: da capital a metrópole. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2010. 490 p.

MORELLI, Ana. **Correio Braziliense 40 anos – do pioneirismo à consolidação.** Mídia Brasileira – 2 séculos de história. 1º Encontro Nacional da rede Alfredo de Carvalho. 2002.

PAVIANI, Aldo. **A Metrópole terciária: evolução urbana socioespacial.** Pag 227 a 251 in PAVIANI, Aldo (Org.). Brasília 50 anos: da capital a metrópole. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2010. 490 p.



Periódicos do jornal Correio Braziliense entre fevereiro e dezembro de 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

Sinopse Preliminar do Censo Demográfico - DF. 1991. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20%20RJ/CD1991/CD_1991_sinopse_preliminar_DF.pdf. acesso em 02 de maio de 2012

WEFFORT, Francisco. **Nordestinos em São Paulo: notas para um estudo sobre Cultura Nacional e Cultura Popular**. Pag 13 – 24. In VALLE, Edênio ; QUEIROZ, José (Org.) A cultura do Povo. São Paulo: EDUC, 1982.